

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Luta Democrática*

Class.: 196

Data: 17.04.84

Pg.: _____

Índios do Xingu exigem negociação com ministros

Isolados na aldeia, sem assistência médica e sem combustível, os txucarramães do Parque do Xingu tomaram uma decisão: desconhecer a autoridade do economista Otávio Ferreira Lima, presidente da Funai. Negociação, agora, só com os ministros Mário Andreazza, do Interior ou Danilo Venturini, dos Assuntos Fundiários. E, para essa negociação, eles nomearam o xavante Mario Juruna (PDT-RJ) para representá-los junto às autoridades.

O encontro entre Juruna e os revoltosos aconteceu no sábado. Às 11h da manhã, o deputado xavante desembarcou na aldeia e foi saudado por todos os caciques que aderiram ao movimento dos txucarramães.

Na pista de pouso estavam Crumari e Cremoro, da nação caiapó e mais. Aritana, dos ualapiti, Sabino, Cajabi e Tacumã, o velho chefe dos camaiurá, que detém o poder religioso e político de sua tribo e as novas lideranças xinguanas, entre elas, Moicará, Sirané, Mairauê.

Tensos, antes de começar a reunião eles foram logo explicando a Juruna porque prenderam os três funcionários da Funai na tarde de sexta-feira: "Eles vieram escondidos e pensam que a gente aqui é burro. Vamos segurar eles até conseguir tudo que a gente quer, agora são 40 quilômetros para separar das fazendas e a saída de Otávio. Ele é medroso e não gosta de índio. Não pode ser presidente da Funai", contou Wai-Wai, um dos novos líderes.

Reféns

Os três reféns dos txucarramães são funcionários graduados da Funai. Sidnei Possuelo é sertanista, assessor da superintendência, e foi quem implantou o posto da Funai na aldeia Cretire, nos anos 70. É respeitado pelos txucarramães. Lamartine Ribeiro, superintendente, já foi chefe de posto e entende um pouco a língua dos caiapó. Como refém, sente-se "em casa". Carlos Grossi, diretor do Departamento de Assistência ao Índio, tem experiência com grupos aculturados da região leste.

Embora a Funai diga que "eles estão bem", essa não é a imagem dos reféns. Estão abatidos, principalmente Grossi e Lamartine, cujos olhos foram quebrados pelos índios. Todos eles estão com roupas emprestadas e, apesar da "liberdade", não circulam pela aldeia. Quando Juruna chegou em Cretire, Ronai mandou buscar os reféns que vieram acompanhados por guerreiros armados com bordunas. Participaram da reunião porque os txucarramães queriam que eles ouvissem as queixas contra a Funai.

Dizer que os reféns estão completamente fora de perigo, como quer fazer crer o presidente da Funai, Ferreira Lima, é desconhecer completamente o momento de tensão do Parque do Xingu. Qualquer movimento em falso, qualquer movimento mal compreendido pelos guerreiros mais novos (os que estão mais irritados contra a Funai), pode transformar reféns em vítimas reais de uma rebelião que ainda não chegou a seu termo e cujo desfecho tanto pode ser uma grande festa, com as reivindicações atendidas, como um derramamento de sangue, semelhante a 1980, quando os txucarramães mataram 11 pessoas.

Conciliação

Juruna foi levado para a "casa dos homens", no centro da aldeia, para participar da reunião. Sentado num tronco de madeira, o deputado ouviu uma história que conhece muito bem, porque os xavantes vivem frequen-

temente o mesmo drama: a história da terra perdida para os fazendeiros.

Do sul, falou Aritana: "antigamente se brigava muito. Agora estamos todos juntos, porque só temos essa terra e temos que manter essa terra. Visitei nossos irmãos do Nordeste e vi a tristeza. Eles vivem em chiqueiro. Não têm mais terra para plantar. Tenho medo que aconteça isso aqui. Nossos filhos, o que vai acontecer com eles? Onde vão viver se Funai for vendendo nossa terra para fazendeiro? Então vamos ter que brigar para manter essa terra".

E Ararapan, da tribo trümai, tão dizimada que está reduzida a 20 pessoas, mandou um recado para os "caraíba" (brancos): "nós não estamos brincando. Estamos de cabeça quente mesmo. Branco pensa que nós não temos cabeça. Nós temos cabeça e memória. Branco não pode mais tratar nós como antes, dava presente, enganava. Hoje a gente sabe do jogo dos caraíba. Só querem nos enganar. Nós aprendemos língua do branco e ninguém vai nos enganar. A gente se conformava com 15 quilômetros, mas agora queremos 40, porque essa é nossa terra e vai ficar sem solução enquanto não derem essa terra".

Os lamentos, as lembranças e a disposição de manter o norte do Parque do Xingu em "pé de guerra", tudo foi ouvido com atenção por Juruna. E no final, ele propôs a liberação de um dos reféns e que dois líderes o acompanhassem a Brasília, onde será mantido o contato com os ministros. Raoni chegou a concordar, mas os novos líderes protestaram:

"O presidente está lá ainda sentado naquela cadeira? E esse tempo todo que nós estamos parados aqui? Os velhos vieram para brincar? Não. E os filhos de vocês, vão ficar passando fome? A gente respeita os caciques, mas lá em Brasília ninguém respeita vocês", bradou Megaron, sobrinho do cacique Raoni e que está sendo preparado para substituir o tio na chefia da tribo.

Raoni, que até então apenas comandava os trabalhos, foi obrigado a acatar a decisão da maioria, composta de jovens e não aceitou a proposta feita por Juruna. Nenhum refém foi liberado, mas o deputado xavante recebeu os aplausos de todos porque se comprometeu a continuar apoiando a luta dos índios, recebendo a missão de ser o porta-voz dos txucarramães.

Insuflamento

O dia a dia de uma aldeia é tranquilo. As mulheres ficam dentro das malocas, as crianças brincam e os homens desempenham seus afazeres: caça, pesca e tecelagem. Cretire está com a vida alterada. As mulheres, que não entram na "casa dos homens", estão pintadas com as cores da guerra. Elas, com cachimbos na boca, circulam no redor da casa, ouvindo os discursos da reunião. De vez em quando gritam forte em sua língua. Os brancos não entendem, mas os chefes, os jovens, guerreiros sabem perfeitamente o que suas mães e mulheres estão dizendo.

A Funai está procurando um insuflador (a suspeita é Cláudio Romero, em quem não confia o presidente do órgão). Realmente, há insufladores no movimento: as mulheres. Seus gritos são de incentivo para os homens. "Não vão afrouxar", diz uma velha, frase traduzida por Moicará, que passa na frente da índia, em farrapos, insuflando os homens a manter a guerra.

É este o clima do Parque do Xingu e Ferreira Lima tem razão em não querer ir lá. Ele seria morto, porque os índios o odiavam e não querem vê-lo vivo.